

“O CAMINHO DO GUERREIRO” NO JAPÃO MEDIEVAL¹

Angélica Louise Alencar²
angelicalouise@globo.com

Resumo

Com o domínio do Japão pela classe militar no século XII, uma nova era da história japonesa teve início. Os guerreiros que a representaram, chamados samurai, não apenas tiraram das mãos da nobreza o controle do governo. Mas acabaram por modificar a própria cultura do país, criando inclusive uma arte que colocava em evidência seu espírito combativo. As ações e conduta desses homens moldaram o pensamento do arquipélago de tal forma que seu espírito firme e reto ainda pode ser percebido claramente na sociedade japonesa. Foram eles também os responsáveis pela unificação do Japão e durante seu domínio, no ano de 1549, os Jesuítas aportaram em terras nipônicas pela primeira vez.

Palavras-chave: Governo militar; Japão medieval; shogunato; samurai.

Abstract

With the military class taking over Japan's rule during the XII century, a new era of the Japanese history began. The warriors that represented it, called samurai, not only took over the government from the noble class' hands. But ended up also modifying the country's culture by even creating an art that would emphasize their fighting spirit. These men's actions and way of living molded the archipelago's mind in such a way that their firm and straightforward spirit can still be clearly seen in the Japanese society. They were also responsible for Japan's unification and it was during their rule, in 1549, that the Jesuits arrived in Japanese lands for the first time.

Key-words: Military government; medieval Japan; shogunate; samurai.

Os tristes acontecimentos da manhã de primavera do ano de 1185, imortalizados em clássicos literários como o *Heike Monogatari*³ (1317), marcaram uma mudança no destino da história do Japão, quando o cerimonial e os costumes nobres finalmente cederam lugar à disciplina e à arte militar no controle do país. Nesse dia, a vitória do clã guerreiro *Minamoto* sobre a aristocracia nipônica – representada pelo clã *Taira* – na famosa batalha naval travada no estreito de *Dannoura*, possibilitou a ascensão de uma classe

¹ O presente texto é uma adaptação do primeiro capítulo da Monografia de conclusão do Curso de Bacharelado em História pela Universidade Federal de Pernambuco, intitulada *Encontro de Culturas: O Pensamento Feudal Nipônico e a Atuação da Igreja Reformada no Século Cristão Japonês (1549-1650)*.

² Bacharel em História pela Universidade Federal de Pernambuco em 2006. Recebeu bolsa de estudos do governo japonês em 2008 e atualmente pesquisa sobre a atuação dos Jesuítas no Japão na Sophia University, sob orientação do Professor Doutor Shinzo Kawamura.

³ MCCULLOUGH, Helen Craig (Trad.). *The Tale of Heike*. Stanford University Press, 1988. Muito do que se sabe sobre os primeiros anos da ascensão da classe guerreira advém de narrativas de guerra como essa, chamadas *guki-mono*. Foram escritas do século X ao XIV e lidam principalmente com períodos de transição, como Heian-Kamakura. Por isso constituem fontes indispensáveis para historiadores, apesar de se tratar de uma clara mescla de ficção com realidade. TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. New York: Columbia Press University, 1971, p. 267.

guerreira que durante muito tempo tinha servido de administradora das terras do país, inteiramente nas mãos da nobreza.⁴ Era o fim de uma época de refinada cultura cortesã, ainda sob grande influência dos clássicos chineses, que aprendemos a admirar através dos escritos de *Murasaki Shikibu* ou das considerações íntimas descritas no livro de travesseiro de *Sei Shonagon*.⁵

Até então, uma complexa burocracia desenvolvia-se em torno da corte imperial em *Kyoto*, onde etiqueta rígida ditava as regras de comportamento e funcionários serviam em cargos hereditários muito mais por ascendência social que por competência. O próprio imperador, para evitar os inúmeros cerimoniais ligados ao título e assim participar ativamente da política do país, abdicava em favor de um sucessor jovem e mantinha o controle indireto do poder.⁶ Nas províncias, clãs de origem nobre distribuíam justiça através dos laços de lealdade que os ligavam aos seus protetores e vassalos, chamados *Samurais* ou, literalmente, “*aqueles que servem*”. Estes viviam nas propriedades dos seus senhores desde o fim do século VII,⁷ treinando ou cultivando o solo nos momentos de paz, e por isso diferiram pouco dos lavradores nas suas origens.⁸ Constituindo talvez a elite guerreira mais famosa de todos os tempos, até hoje eles são lembrados como símbolos genuínos do Japão, com sua conduta e pensamentos extremamente rígidos que dominaram o país por quase setecentos anos (1185–1868).

Uma análise mais cuidadosa sobre o chamado *Bushido*, ou *Caminho do Bushi* (guerreiro), compilado durante o século XVI, desvenda um universo de preceitos e observações que vão muito além da simples estratégia militar. Antes de tudo, é um conjunto de considerações sobre como atingir a perfeição da disciplina no cotidiano para então agir da maneira correta quando o momento exigir, mantendo a mente direcionada sobre um único objetivo de cada vez.⁹ No entanto, o que mais fica claro quando se lê tanto a citada obra de

⁴ McMULLEN, I.J. A Ascensão dos Xoguns. In: *Conquistas Mongólicas (1200-1300)*. Rio de Janeiro: Time Life, 1992. p. 34-35. Hōgen Monogatari: a discussão entre Tametomo e Fujiwara Yorinaga deixa claro que a era clássica dava lugar lentamente a era dos guerreiros.

⁵ A partir das cartas e escritos da dama *Murasaki Shikibu*, a antropóloga norte-americana Liza Dalby apresenta em detalhes a vida cerimoniosa da corte japonesa no período anterior à ascensão dos shoguns. DALBY, Liza. *A Lenda de Murasaki*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

⁶ Esse tipo de governo seria conhecido como *Insei*, ou governo do imperador enclausurado, e duraria aproximadamente de 1086 a 1179.

⁷ TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., p. 265.

⁸ ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 434. Um bom exemplo pode ser visto na obra literária de Shusaku Endo, “O Samurai”, em que a personagem principal – que dá título ao romance – surge pela primeira vez trabalhando a terra junto com os lavradores da sua pequena propriedade. Em ENDO, Shusaku. *O Samurai*. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1980.

⁹ BARROS, Benedicto Ferri de. *Japão: A Harmonia dos Contrários*. São Paulo: T.A Queiroz, Editor, LTDA, 1998, pp. 59-67.

Daidoji Yuzan como a versão compilada do *Hagakure* de Yamamoto Tsunetomo, onde tal pensamento encontra-se conservado, é que a principal orientação dessa classe era preparar-se diariamente para a morte.¹⁰

Como nos aponta Yukio Mishima, desse princípio inevitável e fatídico partiam todas as ações voltadas para um autocontrole de atitudes e idéias que acabavam por moldar a alma dos indivíduos.¹¹ Desde os cuidados com a aparência até a criação dos filhos e o trato com os subordinados seguiam regras que facilitavam o desprendimento da vida. Por isso a característica bastante conhecida no Ocidente do suicídio ritual, *seppuku* ou *harakiri*, quando eram derrotados em batalha ou tinham seu nome (e conseqüentemente o da família) manchado por alguma desonra. Eram verdadeiros ascetas, senão de título, de comportamento, vivendo com simplicidade e honra acima de tudo. Amantes das artes, aprendiam com elas, absorvendo lições, por exemplo, do ambiente que envolve a cerimônia do chá – cujo objetivo é “limpar os seis sentidos”¹² – ou no corte perfeito de um galho para arranjo floral (*ikebana*), que pode demonstrar a habilidade do jardineiro que o colheu.¹³ Na prática Zen-budista esses guerreiros encontraram o consolo tão ansiado por seus espíritos orgulhosos, apesar de terem absorvido também o gosto Shintoísta pela purificação: no caso do *Bushido*, através do desprendimento da vida.¹⁴

A lealdade que unia os homens seguidores desses princípios era, muitas vezes, mais forte que os laços de sangue; representava a manifestação máxima do amor.¹⁵ Um exemplo perfeito da fidelidade e da sinceridade cultivada pelos samurais nas suas relações de amizade e vassalagem pode ser visto na obra de Ueda Akinari (1734–1809), *Ugetsumonogatari* (1776). Seu segundo conto, intitulado “Pacto do Crisântemo”, descreve muito bem essa característica, pois trata de um guerreiro que, preso em local distante, é obrigado a tirar a própria vida e retornar como espírito à casa de um amigo a fim de cumprir a promessa feita em vida de encontrá-lo no nono dia do nono mês do calendário lunar (dia do Crisântemo), e assim fazer valer sua palavra. Diz o conto na sua introdução:

“Não plantes o broto primaveril de salgueiro chorão no jardim de uma casa. Não tenhas amizades com pessoas volúveis. O chorão novo cresce com facilidade, mas não

¹⁰ YUZAN, Daidoji. *Bushido: O Código do Samurai*. São Paulo: Madras, 2004, pp. 77-79.

¹¹ MISHIMA, Yukio. *O Hagakure: A Ética dos Samurais e o Japão Moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 21.

¹² TSUNETOMO, Yamamoto. *Hagakure – O Livro do Samurai*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004, p. 112.

¹³ Essa habilidade está perfeitamente demonstrada em YOSHIKAWA, Eiji. *Musashi*. Volume I. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, pp. 296-298; 303-306.

¹⁴ MISHIMA, Yukio. *O Hagakure: A Ética dos Samurais e o Japão Moderno*. Op. cit., p. 76.

¹⁵ Já nas primeiras narrativas militares desse período encontram-se claramente descritos esses laços que uniam senhores e vassalos. Aliás, lealdade a um senhor e honra individual frequentemente pareciam entrar em choque. TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., p. 268.

suportará os primeiros ventos outonais. Pessoas volúveis são fáceis de fazer amizades e também de cortá-las. O chorão novo pode brotar a cada primavera, mas as pessoas volúveis partem e não mais regressam”.¹⁶

A moral a que estavam sujeitos esses guerreiros era justamente a da vergonha, que se concentrava especialmente nos reflexos externos diante do inimigo – como uma aparência saudável e higiênica – e sua ética destinava-se a controlar os desânimos naturais do ser humano. Aí notamos a importância que esses homens davam a manter um objetivo em mente e o orgulho advindo de um treinamento militar rígido.¹⁷

1) O *Bakufu*, ou Governo Militar:

Minamoto no Yoritomo (1147–1199), líder do clã vencedor da mencionada batalha de 1185, foi o fundador do *Kamakura Bakufu* (1192–1333), primeiro governo militar, quando instalou seu quartel general em *Kamakura*, distrito da atual província de *Kanagawa*. Agindo em nome do imperador, de quem recebeu o título de *Seitaishogun* ou “*generalíssimo submissor de bárbaros*”¹⁸ em 1192, aos poucos tirou a administração do Estado das mãos da aristocracia (*kuge*) e a distribuiu entre seus seguidores samurais (*bushi*), em um sistema de suserania e vassalagem que delegou funções repressivas e fiscais em troca de títulos de rendimento de terra, mantendo sob seu comando boa parte do país.¹⁹ Estabeleceu três departamentos iniciais, o *samurai-dokoro*, responsável pela vigilância sobre esses guerreiros, o *mandokoro*, um órgão administrativo dos assuntos civis, e o *monchugo*, voltado para a justiça. Além de criar dois cargos importantes para maior controle das províncias: o de *shugo*, governador militar, poder dominante nessas regiões, e o de *jito*, comissário de terra encarregado do recolhimento de tributos dos feudos, o que inviabilizava quase que por completo a antiga administração dos nobres de onde, vale lembrar, eles recebiam seu sustento através das altas taxas sobre a produção dos lavradores.²⁰

No entanto, Yoritomo faleceu pouco tempo depois da concessão do título (1199) e sua linhagem desapareceu em cerca de vinte anos graças às violentas disputas pelo poder. Seu sogro *Hojo Tokimasa* (1138–1215), de sangue Taira, tornou-se *Shikken* ou regente, e por mais de um século, durante

¹⁶ AKINARI, Ueda. *Contos da Chuva e da Lua*. USP: Centro de Estudos Japoneses, 1996, pp. 34-46.

¹⁷ MISHIMA, Yukio. *O Hagakure: A Ética dos Samurais e o Japão Moderno*. Op. cit., p. 59 e 75.

¹⁸ O primeiro a receber o título foi Sakonue no Tamuramaro (758-811) em 801. TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., p. 266.

¹⁹ ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. Op. cit., p. 435.

²⁰ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1997, p. 94.

toda a segunda fase do bakufu de Kamakura, sua família controlou o poder do país através de shoguns títeres. Tendo seu prestígio diminuído, a corte, liderada pelo ex-imperador *Go-toba* (1198–1221), lançou uma ofensiva em 1221 com a ajuda de famílias e templos budistas poderosos descontentes com o regime. A crise que se seguiu foi a maior enfrentada pelo bakufu até então e Kamakura demorou cerca de um mês para vencer os revoltosos, matando Go-toba e exilando seus partidários.²¹

A partir de então o shogunato se afirmou totalmente,²² pois houve um profundo abalo no prestígio do trono japonês; a corte passou a ser fiscalizada por um governador especial – *Tandai* – e suas terras, agora confiscadas, foram deixadas totalmente nas mãos dos administradores do bakufu. Mais do que nunca se opunham dois universos culturais completamente diferentes que se excluíam mutuamente: Kamakura e Kyoto. De um lado, eram exaltados a austeridade, a disciplina militar, os valores marciais e a honra dos guerreiros. Do outro, a vida faustosa, a arte, a poesia, o ganho de títulos e os privilégios ansiados por uma nobreza que via nos primeiros verdadeiros bárbaros. Essa duplicidade de poder é justamente o que caracterizará a estrutura política e econômica do Japão até a Reforma *Meiji* (1868).²³

Hojo Yasutoki (1183 – 1242), terceiro regente Hojo desde o sogro de Yoritomo, foi um dos mais competentes dessa fase. Além de organizar o *Hyojoshu*, “Supremo Conselho Consultivo” que decidia sobre assuntos políticos e jurídicos, ainda foi o responsável pela criação, em 1232, do chamado *Jōei Shikimo*, ou “Código Jōei”, que com seus 51 artigos regulamentou o funcionamento do bakufu e serviu de modelo para todas as outras leis da época.²⁴ Feito de samurais para samurais, continha os princípios morais exaltados por eles desde a Era Heian (794–1192), quando surgiram, e por isso representou uma codificação de costumes antigos transmitidos no seio do povo.²⁵ Mas foi na época do regente *Hojo Tokimune* (1251–1284), que o Japão sofreu um dos maiores impactos externos da sua história e quebrou seu isolamento de mais de trezentos anos.

²¹ McMULLEN, I.J. A Ascensão dos Xoguns. In: *Conquistas Mongólicas (1200-1300)*. Op. cit., p. 44.

²² TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., p. 413.

²³ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p. 97.

²⁴ O objetivo de Yasutoki era que as leis atingissem as províncias, o que não ocorria até então, e que todos a entendessem. Os 51 artigos lidam com os mais diversos assuntos, de posse de terras à prisão e punição de criminosos. Curiosamente, o código revela que na sociedade guerreira as mulheres tinham privilégio de herança. TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., p. 415.

²⁵ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p. 97-98 e McMULLEN, I.J. A Ascensão dos Xoguns. In: *Conquistas Mongólicas (1200-1300)*. Op. cit., p. 48.

Com o domínio da China e circunvizinhanças pelos mongóis de *Gengis Khan* (1162–1227) no século XIII, seu neto – *Kublai Khan* (1215–1294) tentou conquistar também o Japão como estado vassalo, e depois de enviar cartas propondo a submissão do reino, em Novembro de 1274, com duas armadas e um exército de noventa mil soldados entre chineses e coreanos, atacou a baía de *Hakkata* em *Kyushu*, ilha mais meridional do país.²⁶ Durante dois dias os chefes locais e o bakufu uniram-se para tentar deter o invasor, que além de muito mais numeroso, ainda utilizava armas desconhecidas: projéteis em chamas com pólvora que explodiam e assustavam sobremaneira os nipônicos.²⁷ Tudo parecia perdido até que um tufão destruiu a maior parte das embarcações mongóis, forçando o inimigo de volta ao continente.²⁸

Temendo uma segunda investida, o governo de Kamakura reuniu o maior número de vassalos sobre seu comando, reforçou as defesas e ainda recebeu ajuda financeira da corte, preocupada também em organizar oferendas e preces nos diversos santuários e templos espalhados pelo país. Mas Kublai Khan, ocupado em conquistar o sul da China, esperou até Julho 1281 para tentar novamente. Dessa vez atacou Hakkata com cerca de 4400 navios e uma força de 150 mil homens e por quase dois meses os guerreiros japoneses – samurais organizados na defesa terrestre – mal conseguiram conter a invasão. Até que, finalmente, o poder da natureza mostrou-se decisivo: tufões, agora batizados pelos nipônicos de *kamikase* ou “*vento divino*”, destruíram boa parte da frota mongol, tendo sido poucos os sobreviventes que retornaram à China. Depois disso, durante cerca de vinte anos o bakufu manteve-se vigilante, até que a morte do Khan deu o perigo como superado.²⁹

Internamente, o período do shogunato Kamakura foi de mudanças significativas para o Japão, pois representou a passagem do estado antigo, chamado *Ritsuryō*, para o Feudal, que durou até o século XIX e abalou o sistema do país como um todo. O governo central, deteriorado nessa fase, viu crescer a autonomia dos feudos, ou *shoen*, principalmente por conta da distância de muitos deles em relação à corte.³⁰ Pressões econômicas, representadas pelos grandes encargos dos administradores desses feudos sobre os lavradores, tragédias naturais – como o terremoto de 1257 – e um grande surto de peste causaram insegurança, fome e caos no povo. Esses acontecimentos, somados à ascensão da classe dos bushi e ao envolvimento nos

²⁶ Kamakura ignorou as exigências mongóis de entrar numa relação tributária com a China. TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., p. 280.

²⁷ Ibidem.

²⁸ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p. 99-100 e McMULLEN, I.J. A Ascensão dos Xoguns. In: *Conquistas Mongólicas (1200-1300)*. Op. cit., p. 54.

²⁹ McMULLEN, I.J. A Ascensão dos Xoguns. Op. cit., pp. 55-57.

³⁰ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p. 103.

assuntos temporais dos mosteiros budistas tradicionais, deram origem a novas seitas, como a *Jodo*, a *Nichiren* e o *Zen*, que procuravam consolar a população.³¹

Como lavradores na sua origem, os samurais partiram para as cidades com o intuito de realizar a troca dos seus produtos, criando um fluxo constante entre Kamakura e Kyoto que aos poucos deu origem a um respeito cauteloso entre esses guerreiros e a corte. Da mesma forma, o comércio com a dinastia *Sung* (960–1279) chinesa, principalmente através de particulares, proporcionou a entrada de moedas em meados do século XIII, e assim surgiram as casas de câmbio e as primeiras feiras. Da China eram importados também artigos de luxo e objetos de cultura, como livros. Já o Japão exportava prata, pérolas, biombos e armas de valor artístico.³² Em torno desse intercâmbio formou-se uma classe mais autônoma de comerciantes e artesãos que, agora independentes dos serviços que tinham que prestar aos seus senhores nobres e aos templos, reuniram-se cada vez mais em associações para o desenvolvimento do comércio e da indústria.

Tratava-se das *Za*, semelhantes às guildas medievais européias do século XIII, que surgiram aproximadamente no fim do período Heian (794–1192) e duraram até o governo de *Toyotomi Hideyoshi* (1536–1598), no século XVI. Cada *Za*, além de isenta do pagamento de alguns tributos comerciais e alfandegários, tinha objetivos bem definidos, como as responsáveis pela produção de óleos, (*aburaza*), as produtoras de *sake* (*sakeza*) ou aquelas que eram agremiações de profissionais, como ferreiros, pintores e artistas em geral.³³

A partir desse contato maior entre o campo e a cidade, os novos horizontes culturais dos guerreiros e as tradições da aristocracia se mantiveram lado a lado. Agora ambos se interessavam pelos clássicos chineses, que antes estavam restritos à classe nobre, porque se difundiu o uso da escrita do continente, o *kanji*, em conjunto com os caracteres simplificados, ou *kana* tornando esses clássicos mais acessíveis à população em geral. Surgiu também o culto da poesia entre os samurais, que tinham seus feitos cantados em narrativas militares para rivalizar com as histórias românticas que descreviam a vida faustosa da corte, como a famosa *Genji Monogatari*.³⁴ Mesmo a escultura, pintura e arquitetura do período Kamakura refletiam essa sociedade mesclada. A primeira, por exemplo, utilizava cada vez mais imagens másculas e viris em

³¹ Idem, p. 108-109 e McMULLEN, I.J. *A Ascensão dos Xoguns*. Op. cit., pp. 50-51.

³² YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p. 102-103 e McMULLEN, I.J. *A Ascensão dos Xoguns*. Op. cit., pp. 48-49.

³³ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p. 103-105 e SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. California: Stanford University Press, 1961, pp. 192-194.

³⁴ SHIKIBU, Murasaki. *The Tale of Genji*. New York: Penguin Classics, 2002, 1216 p. e YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., pp. 106-107

detrimento da elegância e graciosidade do período precedente; já na pintura observou-se o predomínio do chamado *Yamato-e*, que exaltava os heróis de guerra, e do *Emakimono*, ou rolos de papel com narrativas ilustradas de batalhas. Sem mencionar o artesanato, que tomou impulso através da produção de armas e armaduras.³⁵

Aliás, vale a pena ao menos mencionar a importância da *Nippon-tō*, a espada japonesa, símbolo máximo dessa sociedade militarizada que se firmava. Trata-se, sobretudo, de uma obra de arte que na complexidade da sua produção refletia todo o espírito disciplinado e bem treinado da classe que a envergava. Não é à toa que seria considerada por *Tokugawa Ieyasu* (1543–1616), no século XVII, a verdadeira alma do samurai. Porque, como aponta Benedicto Ferri de Barros, ela era ao mesmo tempo arma – graças à sua perfeição de corte, jóia – pelo valor artístico, e espelho – pelo extraordinário reflexo da sua lâmina, ou seja, unia em um único objeto os três maiores tesouros do Japão.³⁶ Normalmente os guerreiros carregavam em sua cintura um par, ou *daishō*, formado por uma espada longa, ou *katana*, e por uma curta, ou *wakizashi*. Assim, no período Kamakura surgiu, por exemplo, *Masamune Okazaki* (1264–1343), considerado até hoje o maior forjador de espadas japonesas e cujo nome virou referência de qualidade para essas armas.³⁷

Também nessa época foram definidas as quatro principais classes do feudalismo japonês: *buke* (nobres), *bushi* (samurais), *bonge* (homens comuns) e *semin* (párias). Mas o governo central dos regentes Hojo, cada vez mais fraco diante da autonomia dos feudos e sem dispor de força policial suficiente para controlar as desordens do interior, viu crescer atritos entre os administradores desses locais e os habitantes sobrecarregados com tributos. Até que senhores de terras descontentes e até príncipes, favoráveis à volta do poder da monarquia, derrubaram o Kamakura bakufu em 1333, depois de 140 anos de governo.³⁸

Com a Restauração *Kenmu*, de 1333-1336, o poder do Japão voltou por pouco tempo às mãos do trono, mas os nobres tinham perdido a habilidade no governo e não mais conseguiam conter as rebeliões espalhadas pelo país.³⁹ Por isso, já em 1335 os samurais, liderados por *Takauji Ashikaga* (1305–1358), se revoltaram e venceram as forças do imperador *Go-daigo* (1288–1339), substituindo-o por *Komyo* (1322–1380) e dando origem às duas cortes, Kyoto (Norte) e *Yoshino* (Sul), que se hostilizaram mutuamente por 56 anos. Takauji então foi nomeado shogun pela corte de Kyoto em 1338 e assim teve início o

³⁵ Idem, p. 110 e McMULLEN, I.J. A Ascensão dos Xoguns. Op. cit., p. 52 e 53.

³⁶ BARROS, Benedicto Ferri de. *Japão: A Harmonia dos Contrários*. Op. cit., p. 104.

³⁷ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p. 110.

³⁸ Idem, pp. 117-118.

³⁹ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., pp. 22-32.

Ashikaga/Muromachi Bakufu (1338–1573).⁴⁰ Mas só em 1392, na época do terceiro generalíssimo, *Yoshimitsu Ashikaga* (1385–1408), as duas cortes foram forçadas a se fundir e o regime finalmente se consolidou instalando-se no Palácio das Flores, em *Muromachi*, bairro de Kyoto.⁴¹

Ao contrário do que fez Yoritomo, que subiu ao poder apoiado pelos chefes guerreiros, Takauji explorou o descontentamento dos samurais com relação ao regime imperial; e enquanto as relações de lealdade eram a base do governo de Kamakura, o novo shogunato mal conseguia controlar seus subordinados.⁴² Criou o cargo de *Kanrei*, ou secretário geral, principal conselheiro do shogun, para supervisionar os departamentos do novo bakufu, mas em linhas gerais sua estrutura permaneceu a mesma. A base financeira, por exemplo, ainda estava nas terras administradas diretamente pelo governo com a ajuda dos shugo e dos jito, que garantiam o cumprimento das ordens dos reais proprietários, ou *daimios* (senhores de terras).⁴³

Estes últimos exerciam cada vez mais influência nas províncias, e assim nasceram estados particulares nas regiões sob seu comando. Por outro lado, apesar da falta de fundos para a administração e o pagamento de recompensas a samurais que auxiliaram na rebelião contra a coroa, muitos governantes Ashikaga se entregaram ao luxo excessivo e não conseguiram conter as inúmeras revoltas que caracterizaram esse período.⁴⁴ Porque para cobrir os gastos com a construção de templos de ouro (*Kinkakuji*, de 1397) e prata (*Ginkakuji*, de 1479) em Kyoto, por exemplo, os shoguns recorriam a impostos pesados sobre os homens do campo e suas terras, bem como a tributos sobre os comerciantes e aqueles recolhidos na fiscalização das estradas, chamados *sekisho*.⁴⁵

O shogunato Ashikaga, que durou cerca de dois séculos e meio, foi o regime militar mais fraco da história japonesa. As mudanças ocorridas nesse período geraram competições acirradas por poder e posses entre os senhores de

⁴⁰ TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. **Sources of Japanese Tradition**. Op. cit., 1971. p. 284. O Taiheiki conta a história de heróis que defenderam a causa de Go-daigo como legítima. Um deles, Kusunogi Masashig (morto em 1336), foi tido como o maior herói japonês até no mínimo o fim da Segunda Guerra Mundial. MCMCULLOUGH, Helen Craig (trad.). *The Taiheiki – A Chronicle of Medieval Japan*. New York: Columbia University Press, 2003.

⁴¹ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., pp. 118-120.

⁴² ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. Op. cit., p. 436.

⁴³ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., pp. 120-121 e SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., pp. 230-232.

⁴⁴ O Heike Monogatari exemplifica bem, com o clã Taira, a mistura dos guerreiros com os costumes nobres. O mesmo acontecerá nesse período Ashikaga/Muromachi, segundo especialistas. TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., p. 278.

⁴⁵ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., pp. 121-123.

terras que até ameaçaram o shogunato. Sua desorganização política e suas dificuldades financeiras deram origem, por exemplo, aos 11 anos de *Onin no Ran*, ou “Guerra Onin” (1467–1477) travada na capital, onde *Katsumoto Hosokawa* (1430–1473) e *Sozen Yamana* (1404–1473) se digladiaram por conta da sucessão do shogun *Yoshimasa* (1435–1490): Hosokawa defendia *Yoshimitsu*, irmão do generalíssimo, enquanto Yamana defendia *Yoshimu*, seu filho.⁴⁶ Essa disputa, além de caracterizar o fim do governo Ashikaga, pode ser considerada como o período inicial das guerras civis japonesas, ou *Sengoku Jidai*, quando chefes militares lutaram pela supremacia e generalizou-se a subversão hierárquica, ou *Gekokujo*, com subordinados voltando-se contra seus senhores, clãs disputando contra clãs visando o domínio do país e aldeias inteiras unindo-se em organizações próprias, pois o poder central, enfraquecido e desmoralizado, não conseguia conter as guerras.⁴⁷

Apesar dessa situação caótica em âmbito nacional, os senhores de terra procuravam manter em funcionamento seus próprios territórios, por isso cidades dinâmicas se desenvolveram em torno dos castelos-fortalezas desses barões e a estrutura do feudo japonês finalmente se consolidou. Porque houve um incremento na agricultura dessas regiões – com o uso de bois e cavalos na lavoura; na mineração – para a produção de armas e armaduras; e no comércio, proporcionando um intenso movimento entre feudos, com artistas, mercadores e religiosos viajando livremente, apesar dos riscos que corriam com as guerras constantes. Assim, nessa época a cultura se difundiu pelas províncias e não mais se restringia às antigas capitais, Nara, Kyoto e Kamakura.⁴⁸

Também o contato maior com a China *Ming* (1368–1644), devido à intensificação do comércio exterior, proporcionou a manutenção de estradas, o desenvolvimento da comunicação entre as diversas províncias e a introdução no Japão da cultura do continente, principalmente através dos monges budistas, que nas suas viagens de estudos trouxeram consigo a literatura da época, chamada *Gozan Bungaku*, e a pintura em preto e branco com nanquim, que serviram de modelo e estímulo aos artistas nacionais.⁴⁹ Aliás, as seitas que se projetaram no período Kamakura se expandiram no Ashikaga, e o Zen budismo, por exemplo, se tornou bastante popular entre os samurais por difundir a arte dos arranjos florais, dos jardins Zen e da cerimônia do chá. Inclusive, em uma das correspondências pessoais de Toyotomi Hideyoshi (1536–1598) – um dos três grandes generais responsáveis pela unificação nacional – verificamos toda a deferência da classe guerreira para com essa

⁴⁶ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., pp. 217-227.

⁴⁷ Idem, p 231-235 e YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., pp. 124-125.

⁴⁸ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p 128-129 e SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., pp. 249-260.

⁴⁹ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., p. 259.

última arte, quando escreve, em 1580, para *Imai Sokyū* (1521–1591), grande mestre da cerimônia do chá e seu amigo pessoal:

“Estou escrevendo esta carta com muita consideração. Vim a este porto [Sakai] e permaneci por vários dias, e é impossível expressar plenamente minha apreciação com relação a sua atenção. Acima de tudo eu estava feliz porque pude observar os utensílios da cerimônia do chá nos momentos de lazer e ouvir tranqüilamente suas palavras. Não posso expressar nesta carta como me sinto no fundo do meu coração. Quando eu tiver alguma hora vaga, devo visitá-lo novamente e explicar a você como nesse momento estou pensando [nos dias que passamos juntos]. Tenho enviado mensagens adicionais para Soeki, então não preciso expressá-las nesta carta. Sinceramente,

Ha[shiba] Chiku[zen]
Hideyoshi (...)”⁵⁰

Dessa forma, como na vida política onde houve a mencionada subversão hierárquica, na cultura houve a tendência do popular abrir espaço entre a aristocracia. Desenvolveu-se o conhecido teatro *Nô* e o *Kabuki*,⁵¹ além de chegar às camadas mais simples a poesia *Waka* e a *Renga*, o poema encadeado, cujo primeiro trecho de 17 sílabas daria origem ao que hoje se conhece por *Haiku*. A seguinte carta de Hideyoshi para sua esposa, datada de 1593, menciona seu gosto pelo teatro:

“Aprendi dez peças de *Nô*:
- Matsukaze - Oimasu -
Miwa
- Basho - Kureha - Teika
- Toru - Kakitsubata -
Tamura
- [?]

Somando, são dez. Me tornei bastante capaz nesses números e tentarei aprender mais.

Taiko [título adotado em 1591]

3º mês, 5º dia

Para O-Ne”⁵²

Em outra, comenta seu progresso:

“Apesar de você ter me enviado várias cartas, não mandei nenhuma resposta porque não tive nenhum tempo livre por conta do *Nô*. (...) Minha técnica de *Nô* se torna cada vez melhor; todas as vezes que apresento o *shimai* [dança do *Nô* realizada sem as roupas da apresentação] de várias peças, toda a audiência elogia bastante. Até agora fiz duas peças e depois de descansar um pouco, devo atuar novamente no 9º dia e mostrar isso a todas as damas de Kyoto.

Sinceramente,

Taiko

Eu repito: porque estive atuando *Nô* cada vez mais, estou bastante cansado e preocupado. Em torno do 14º ou 15º dia, devo ter algum tempo livre e irei a Fushimi

⁵⁰ BOSCARO, Adriana. *101 Letters of Hideyoshi*. Japan: Sophia University, 1975, p.8.

⁵¹ Jovens Intérpretes das Tradições (Especial). *Nipponia*. Japão, nº 22, pp. 3-18.

⁵² BOSCARO, Adriana. *101 Letters of Hideyoshi*. Op cit., p. 51.

acelerar o processo de construção. Provavelmente permanecerei lá por três ou cinco dias, e então visitarei você rápido para que possamos conversar. Atuarei Nô na sua casa para mostrar [a você e outros]. Aguarde. Irei apressar as coisas para visitá-la.

Para O-Ne”⁵³

Por fim, a produção de *shoyu*, *miso* e *tofu*, ingredientes básicos da culinária nipônica até hoje, também se desenvolveu nessa época.⁵⁴

Mas a China Ming interrompeu as relações com o Japão em 1548 principalmente por conta dos ataques dos piratas nipônicos a suas regiões costeiras. Chamados *Wakō*, esses corsários, recrutados na sua maioria da ilha de Kyushu, deram início à investida no continente na época da dinastia Mongol, após a fracassada tentativa de invasão no século XIII.⁵⁵ Cometiam atrocidades nas vilas, auxiliados por bandidos locais para se livrar do policiamento, e saqueavam armazéns a ponto de obrigar o governo Ming a enviar missões diplomáticas ao shogunato Ashikaga para encontrar uma solução. Os enviados japoneses eram os monges Zen mencionados acima, envolvidos no comércio e na política do país. Mas o shogunato, fraco por conta da Guerra Onin e do período de Sengoku Jidai, não conseguiu conter os ataques, cujo auge se deu entre 1552-1556 – chegando inclusive às portas de Nanking –, até que cessaram aos poucos a partir de 1588, com o édito de Toyotomi Hideyoshi contra a pirataria.⁵⁶

O primeiro contato com ocidentais se deu exatamente nesse período de intensa expansão cultural e econômica com o desenvolvimento do comércio exterior. Os portugueses, chegados ao Japão entre 1542-43 a bordo de um junco chinês que saiu da rota rumo às Léquias (ilhas de *Ryukyu*, ao sul do Japão) devido a um tufão, introduziram algumas inovações técnicas, como as armas de fogo, que revolucionaram as táticas militares nipônicas, mas não substituíram o uso das tradicionais armas de guerra, como espadas, arcos e flechas. Alguns autores acreditam que o grande interesse pelos mosquetes, por parte de um país em guerra constante, pode ter influenciado na rápida aceitação dos chamados *Nanbanjin*, Bárbaros do Sul, entre os japoneses.⁵⁷

Assim os lusos intermediaram durante quase um século o comércio entre China (Macau) e Japão (Nagasaki), proporcionando a riqueza necessária aos grandes barões feudais para manter seu poder militar.⁵⁸ Talvez por isso o cristianismo, propagado principalmente pela ordem dos jesuítas, tenha tido expansão considerável no país até ser duramente dizimado nas primeiras

⁵³ Idem, p. 67.

⁵⁴ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., pp. 132-137.

⁵⁵ BOXER, C.R. *The Christian Century in Japan – 1549-1650*. Cambridge University: Carcanet Press Limited, 1993, pp. 6-8.

⁵⁶ Idem, pp. 248-255.

⁵⁷ Idem, p. 31.

⁵⁸ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., p. 263.

décadas do século XVII. No entanto, voltemos a atenção para a situação interna do Japão, agora já em meados do século XVI, quando se destacam as três maiores figuras políticas que os portugueses conheceram enquanto estiveram naquele país: Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu.

2) O Caminho para a Unificação:

Apesar das guerras quase contínuas até o ano de 1540, como vimos, nem todos os esforços nacionais se concentraram nos campos de batalha. Houve um grande estímulo para o progresso econômico com o crescimento do comércio externo e interno, e o incremento na comunicação entre as cidades e as vilas, o que ajudou no surgimento da idéia de unidade no país. Mas, com o bakufu em ruínas, a tentativa de unificação ficou nas mãos dos barões feudais, que faziam o caminho da corte, conquistando novas terras através da força, porque apesar de decadente, a autoridade dada pelo trono imperial ainda era importante para a consolidação de um novo poder.⁵⁹ No entanto, esses grandes senhores de terras não podiam seguir rumo a Kyoto com suas tropas sem deixar a retaguarda desprotegida e vulnerável a qualquer ataque inimigo; por isso foi a um pequeno vassalo da família *Shiba* da região de *Owari*, que coube o primeiro passo para a realização desse feito.

Apesar da origem humilde, aos poucos Oda Nobunaga (1534 – 1582) adquiriu fama por seus feitos militares,⁶⁰ derrotando – com a ajuda de um subordinado de excelente visão estratégica chamado Kinoshita Tokichiro, posteriormente conhecido como Toyotomi Hideyoshi – grandes generais que se dirigiam à capital, como Imagawa Yoshimoto (1519 – 1560) em 22 de Junho de 1560, e fazendo alianças com outros, como Matsudaira Takechiyo (ou – como seria conhecido mais tarde – Tokugawa Ieyasu) em 1561. Graças a isso, recebeu pedidos de ajuda, em 1567, do imperador Ogimachi (1517–1593) para reaver terras confiscadas por inimigos, e de Yoshiaki (1537–1597), irmão do shogun Yoshiteru, morto em 1565, que desejava restaurar o Ashikaga bakufu. Submetendo um a um seus inimigos, chegou a Kyoto em 9 de Novembro de 1568, e em 28 de Dezembro daquele mesmo ano Yoshiaki foi feito 15º generalíssimo do período Muromachi.⁶¹

Entretanto, apesar da atitude de respeito para com o imperador, ajudando significativamente na reconstrução do Palácio Imperial, por exemplo, Nobunaga não pretendia se submeter ao poder do novo shogun. Vendo crescer seu prestígio inclusive dentro da corte, Yoshiaki tentou eliminá-lo, mas acabou expulso de Kyoto em 1573 e assim caiu por terra o Ashikaga/Muromachi

⁵⁹ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., p. 273.

⁶⁰ TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., 1971, p. 434.

⁶¹ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., pp. 276-279.

Bakufu depois de 235 anos.⁶² O posto de generalíssimo ficou então vazio até 1603, quando foi preenchido por Tokugawa Ieyasu, primeiro daquele que viria a ser o último governo militar do país.

No seu caminho para o comando do Japão, daimios e grandes templos budistas seriam subjugados. E a famosa batalha de *Nagashino* contra o senhor da província de *Kai*, em 1575, mostrou a eficácia das armas de fogo nas novas estratégias de guerra japonesas. Foi exatamente em um desses jogos constantes de alianças e disputas por territórios, que Oda Nobunaga acabou traído e morto em 21 de Junho de 1582 por um subordinado, *Akechi Mitsuhide* (1528–1592), deixando a continuação do trabalho de unificação nacional nas mãos do seu general Toyotomi Hideyoshi (1536–1598), que o vingou.⁶³

Este filho de camponeses, segundo vários autores, representa uma das figuras mais extraordinárias do período em questão e suas cartas pessoais, muitas das quais escritas para mulheres e filhos, nos apresentam uma personagem histórica que pode ser usada para exemplificar as características comuns aos guerreiros japoneses, como temos visto. Assim, com a morte do seu chefe, Hideyoshi teve que enfrentar a oposição de grandes barões feudais, como *Shibata Katsuiye* (1530–1583) em 1583, e dos próprios filhos de Nobunaga para garantir sua chegada ao poder. No entanto, seu gênio estratégico prevaleceu e dentro de doze meses conquistou todas as províncias que seu predecessor tinha levado vinte anos para adquirir.⁶⁴ A partir de então sua superioridade mostrou-se incontestável e mesmo Tokugawa Ieyasu, preocupado em manter seu próprio território, não se mostrou disposto a rivalizar com o antigo companheiro.

Uma das suas primeiras atitudes no campo político foi destruir os castelos dos pequenos senhores (*shirowari*) e redistribuir feudos (*kuniwake*), colocando aliados em locais estratégicos – onde não possuíam autoridade tradicional – para garantir um período de cinquenta anos de paz. Em uma carta que ele escreve para sua concubina de 13 anos chamada *Maa*, verificamos seus esforços para a tentativa de unificação do país:

“Ainda que eu desejasse voar para o seu lado nessa hora, encontro-me confinado em *Sakamoto*. Eu ordenei [aos meus administradores] organizar os feudos [dos vassalos] em *Omi* e destruir os castelos. E eu dei ordens de que quando tudo isso estiver feito, *Osaka* deve ser tomada, minhas tropas instaladas lá e os castelos nas várias províncias destruídos para prevenir violência no futuro e para pacificar o país pelos próximos cinquenta anos.

Sinceramente,

⁶² YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p. 141 e SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., p. 281.

⁶³ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., pp. 305-309.

⁶⁴ Idem, pp. 311-314.

de Chikuzen” [título que Hideyoshi adota em 1573]⁶⁵

Seguindo com sua política, a partir de 1583 deu início a uma inspeção em todas as terras do país a fim de medir seu tamanho e calcular a produção para daí verificar exatamente a quantidade de tributos a serem distribuídos entre seu tesouro, o da coroa e o de seus aliados. Seu objetivo era impor uniformidade na estrutura rural da sociedade, cujos habitantes ao invés de obedecer a senhores de terra, agora teriam que prestar contas aos funcionários de um soberano nacional. Quem descumprisse seus éditos corria o risco de ser crucificado ou ter toda sua aldeia destruída.⁶⁶ Também realizou em 1588 o *Taiko no Katanagari* ou a “caça às espadas”, quando confiscou todas as armas do país – exceto dos guerreiros – para a construção de uma grande imagem de Buda no monastério de *Hokoji*, em Kyoto, pois desejava evitar rebeliões agrárias e distinguir a classe dos samurais de todas as outras.⁶⁷

Da mesma forma, aos poucos foi conquistando as ilhas de *Kyushu*, *Shikoku* e a importante província de *Kanto*, sob poder da família *Hojo*, cuja base encontrava-se no castelo de *Odawara* que Hideyoshi destruiu em 1590,⁶⁸ como nos mostra a carta que escreveu para sua esposa quando ainda estava no local:

“Você tem me enviado mensagens com bastante frequência e [graças a isso] estou muito feliz. Nós cercamos *Odawara* com dois ou três anéis e construímos um par de fossos e muros, e não pretendemos deixar um único inimigo escapar. Pessoas das oito províncias de *Kanto* estão entrincheiradas ali, então se tivermos sucesso rendendo *Odawara* pela fome, o caminho para *Oshu* estará tão aberto que eu não poderia estar mais satisfeito [com a presente situação]. Como *Kanto* representa um terço do Japão, eu gostaria de dar ordens firmes agora para que possamos manter essa situação mesmo após o fim do ano. De agora em diante pretendo ver o bem-estar do país. Dessa vez conquistarei tantos méritos e títulos quanto seja possível, mantendo um longo acampamento e usando tanto provisões, quanto moedas de ouro e prata, até que meu nome seja deixado para a posteridade e então devo fazer um retorno triunfal. Mantenha o que foi escrito acima em mente e diga isso a todos.

Sinceramente,

Denka [assina assim após receber o título de *kanpaku*, ou principal conselheiro do imperador, em 1585]

4º mês, 13º dia

Eu repito: porque tranquei o inimigo em uma gaiola, não há perigo, então, por favor, não se preocupe. Sinto saudades do jovem príncipe, mas como estou pensando no

⁶⁵ BOSCARO, Adriana. *101 Letters of Hideyoshi*. Op. cit., p. 11.

⁶⁶ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., p. 316-319 e YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., pp. 146-147.

⁶⁷ A caça às espadas foi uma das atitudes mais conhecidas do governo de Hideyoshi, no entanto, ela foi em verdade iniciada por Nobunaga. TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., p. 437.

⁶⁸ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., pp. 319-329.

futuro e especialmente desde que pretendo organizar meus homens para pacificar todo o país, tenho colocado esses sentimentos pessoais de lado. (...)”⁶⁹

Com essas e outras medidas – como o censo que realizou para catalogar toda a população do país e a ordem de expulsão dos *ronin*, samurais sem mestre, para evitar rebeliões nas vilas – foram lançadas as bases para a unificação do Japão, com a reunião de regiões, províncias e feudos sob um regime nacional centralizado.⁷⁰ Vale lembrar que Hideyoshi não ascendeu como shogun, apesar do poder incontestável; recebeu do trono, com quem mantinha ótimas relações, o título de “comandante-em-chefe” ou *kanpaku*, e assim governou até que abdicou do cargo no ano de 1592 em favor do filho adotivo, *Hidetsugu* (1568–1595).⁷¹ Uma vez organizado o país, Hideyoshi seguiu com a política de suporte ao cristianismo do seu antecessor e também estendeu seus horizontes na direção das nações vizinhas com o objetivo de estabelecer relações comerciais e difundir a cultura japonesa. Assim ocorreu a invasão da Coreia em 24 de Abril de 1592 e através disso houve a tentativa de submeter a própria China como estado vassalo.⁷²

A inicial superioridade das suas forças, antes da intervenção das tropas do Império do Meio, fez das expectativas de Toyotomi as mais elevadas.⁷³ A confiança que ele mostra nas seguintes cartas – a primeira para a mãe, a segunda para a esposa – enviadas na época da sua estada em *Nagoya* (1592-93), onde instalou o quartel general para a campanha, comprovam isso:

“(...) Até agora tomamos vários castelos na Coreia e eu enviei meus homens para cercar a capital. Devo tomar até a China por volta do 9º mês, então devo receber [de você] as roupas para o [próximo] festival do 9º mês na capital da China [festival do Crisântemo]. Não se preocupe, porque me encontro em ótima saúde e tenho bom apetite. Quando eu conquistar a China, enviarei alguém para buscá-la e receberei você lá.

Sinceramente,
De Nagoya
Taiko”⁷⁴

“(...)Você me enviou uma katabira para o festival da estação junto com muitas outras coisas. Eu as vesti e comemorei, desejando a você uma longa e feliz vida. Pretendo receber [presentes assim]na China a tempo do festival do 9º mês. Nós já conquistamos um grande número de castelos na Coreia. Ouvi dizer que se leva cerca de vinte dias para atingir a capital. Espero cercá-la em pouco tempo. Quando tiver os navios preparados, pretendo fazer com que meus homens sigam para lá. Como espero tomar a China também, irei mandar homens [de lá] para receber você.

⁶⁹ BOSCARO, Adriana. *101 Letters of Hideyoshi*. Op. cit., p. 37.

⁷⁰ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., p. 332.

⁷¹ Idem, pp. 332, 342 e YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., pp. 144, 147.

⁷² TSUNODA, Ryusaku, BARY, Wm. Theodore de, KEENE, Donald. *Sources of Japanese Tradition*. Op. cit., p. 440.

⁷³ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., pp. 352-354.

⁷⁴ BOSCARO, Adriana. *101 Letters of Hideyoshi*. Op. cit., pp. 45-46.

Sinceramente,
De Nagoya Taiko⁷⁵
5º mês, 6º dia”

No entanto, essa guerra travada em solo estrangeiro, a custa de muitas vidas coreanas e que durou cerca de sete anos, terminou com a morte de Hideyoshi, em 18 de setembro de 1598, quando enviados chineses e japoneses finalmente entraram em acordo de paz e as tropas nipônicas aos poucos começaram a retornar.⁷⁶

Um dos grandes generais desse período, Tokugawa Ieyasu, não participou da campanha da Coréia, preocupado em organizar e manter suas próprias terras no Japão. Por isso, após a morte do kanpaku, ele era o maior daimio do país e nem mesmo o infante filho de Hideyoshi, juntamente com os opositores da supremacia de Ieyasu, conseguiram derrotá-lo na famosa batalha de *Sekigahara*, travada em 1600. Assim nasceu o último bakufu japonês, em 1603, quando Ieyasu foi nomeado shogun pela corte imperial e estabeleceu a sede do seu governo em *Edo*, atual Tóquio, desde então capital política e centro cultural do Japão.⁷⁷

A base do sistema então instaurado era a mesma daquele criado por Yoritomo ainda no século XII e mantido desde então pelos sucessivos governos militares, mas a administração forte, necessária para a centralização do poder, foi completamente revista. Senhores de terras e templos budistas passaram a ser severamente fiscalizados por funcionários do governo⁷⁸ e com a morte de Ieyasu em 1616, coube aos seus descendentes a solidificação do regime. Seu filho *Hidetada* (1579–1632), a favor de quem Ieyasu abdicou do título em 1605, estabeleceu – por exemplo – o *buke shohatto*, um código militar de 13 artigos que regulava a atividade dos samurais para evitar qualquer tipo de aliança contra o Tokugawa bakufu.

Além disso, os guerreiros formavam agora a classe mais alta de uma sociedade dividida em camadas rígidas, quase imóveis, que tinha no confucionismo chinês o código ético necessário para a manutenção do regime, com sua defesa de virtudes como a devoção, obediência e lealdade nas obrigações, especialmente entre súdito e governante.⁷⁹ Daí derivou a implacável supressão do cristianismo durante a primeira metade do século XVII no Japão e o conseqüente isolamento do país por mais de duzentos anos, até que foi forçado a se abrir novamente aos interesses externos durante a Reforma Meiji (1868).

⁷⁵ Idem, p. 46.

⁷⁶ SANSOM, George. *A History of Japan – 1334-1615*. Op. cit., p. 360.

⁷⁷ Idem, pp. 385-391.

⁷⁸ YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. Op. cit., p. 175.

⁷⁹ McMULLEN, I.J. O Japão Tokugawa. In: *Poderes da Coroa (1600-1700)*. Rio de Janeiro: Time Life, 1992, pp. 21-25.